

ANASTÁCIO DA CUNHA REDESCOBERTO

No seu "Bosquejo histórico das matemáticas em Portugal" (Lisboa, 1929) o Professor Pedro da Cunha traçou uma notícia bio-bibliográfica sobre José Anastácio da Cunha, que continua a ser uma referência obrigatória e que passamos a transcrever quase na íntegra:

"Éste notável matemático, que também foi muito dado à literatura, nasceu em Lisboa em 1744, mostrando desde pequeno talentos pouco vulgares, e sobretudo uma grande facilidade de compreensão. Sentou praça no regimento de artilharia do Pôrto, em 1767, por ocasião da guerra, que se ateava, entre Portugal, a Espanha e a França. Fez desde logo tam rápidos progressos no estudo das matemáticas, fortificação e artilharia, que subiu rapidamente ao pôsto de tenente. Tendo apresentado ao Conde de Schaumbourg-Lippe uma memória sôbre balística em que refutava algumas doutrinas de Belidor e Dulac, os autores que o marechal tinha indicado para servirem de guia aos nossos oficiais de artilharia, o marechal não levou a bem êste passo e mandou-o prender por alguns dias. Caindo, porém, em si, arrependeu-se da sua precipitação, e recomendou-o ao comandante do regimento, o brigadeiro Ferrier, apontando-o como digno de acesso na primeira promoção.

O grande Ministro de D. José, informado do alto merecimento de José Anastácio da Cunha, lembrou-se dêle por ocasião da reforma da Universidade, e nomeou-o, como já vimos, lente da cadeira de geometria. Poucos anos, porém, se conservou na regência da sua cadeira. Logo no começo do reinado de D. Maria I, tendo sido denunciado ao Tribunal do Santo Ofício, de ter manifestado opiniões incompatíveis com a doutrina e dogmas da Igreja Católica, foi preso, julgado e condenado. Depois de ter estado recluso alguns meses da Casa de Nossa Senhora das Necessidades, dos padres da Congregação do Oratório, onde, segundo Stockler, se fez admirar pelos seus talentos, erudição e modéstia, foi pôsto em liberdade. Não o restituíram, porém, ao seu pôsto na Universidade, que perdeu assim um dos seus melhores professores.

O Intendente Geral da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique, desejava de dar emprego aos talentos de José Anastácio, e de remediar de algum modo a sua situação, escolheu-o para professor de matemática e director do Colégio de S. Lucas, que estabelecera na Real Casa Pia do Castelo de S. Jorge, de Lisboa.

Para instrução dos alunos dêsse pio estabelecimento escreveu J. Anastácio da Cunha os seus Princípios Matemáticos, em que condensou num pequeno volume, publicado em 1790, uma grande soma de doutrinas. Para Stockler, esta obra contém ideas originaes, e caracteriza-se por uma admirável concisão e por uma disposição inteiramente nova na distribuição das doutrinas e sua dedução, elogios que deveremos considerar absolutamente insuspeitos, se nos lembrarmos que Stockler tomou o partido de Monteiro da Rocha nas suas lutas contra José Anastácio. Este não teve a satisfação de ver o seu compêndio impresso, pois que faleceu em 1 de Janeiro de 1787.

João Manuel de Abreu, antigo professor da Academia Real de Marinha e do Real Colégio dos Nobres, que tinha servido com J. Anastácio da Cunha no regimento de artilharia do Pôrto, e fôra seu companheiro de desgraça, traduziu e fez imprimir em francês os Princípios Matemáticos, para tornar a obra acessível a maior número de leitores. Isso deu ocasião a que Playfair, redactor do jornal inglês Edimbourg Review, a analisasse, produzindo um juízo em parte favorável e em parte desfavorável. Não agradou a João Manuel de Abreu a crítica dêsse jornalista, e para convencê-lo de que não lhe assistia razão deu-se ao trabalho de refutar os seus assertos desfavoráveis nos n.ºs 30, 31 e 32 do Investigador Português em Inglaterra.

Além dos Princípios Matemáticos, J. Anastácio da Cunha deixou duas obras póstumas, um Ensaio sobre os princípios da mecânica, publicado em Londres, em 1807, pelo Marquês do Funchal, e a Carta físico-matemática sobre a teoria da pólvura em geral, e a determinação do melhor comprimento das peças em particular, impressa no Pôrto, em 1838, por J. Vitorino Damásio e Diogo Kopke.

Silvestre Pinheiro Ferreira juntou algumas notas ao Ensaio sobre os princípios da mecânica, a fim de esclarecer algumas das suas passagens, notas que foram publicadas em Amsterdão em 1808. Tanto o Ensaio, como as notas, foram reimpressos em 1856 e 1857, in O Instituto, de Coimbra.

Stockler fala doutros trabalhos que José Anastácio deixou manuscritos, e de que João Manuel de Abreu possuía cópias. Outros ainda cita Rodolfo Guimarães. Inéditas ficaram também as suas composições poéticas, salvo algumas que Inocência Francisco da Silva publicou em 1839."

Inédito ficou ainda este "Ensaio sobre as Minas", que Inocência Francisco da Silva, famoso bibliógrafo oitocentista, não incluiu no respectivo verbete do seu "Dicionário Bibliográfico Português". E compreende-se tal desconhecimento, porque o manuscrito existente terá tido uma circulação restrita, acabando entre os preciosos "papéis" do Conde da Barca, António de Araújo de Azevedo (1754-1817), diplomata e ministro de D. João VI, cujo Arquivo de Família pertence há muito ao Arquivo Distrital de Braga, Universidade do Minho.

Na década de quarenta e à semelhança do que noutras Bibliotecas eruditas e Arquivos Históricos era feito, concentrou-se numa Sala mobilidada com estantaria do séc. XVIII um importante acervo de manuscritos, procedentes de vários fundos, nomeadamente do fundo Barca-Oliveira, e que desde então, graças ao catálogo elaborado, tem proporcionado a descoberta e publicação de

documentos indispensáveis para o aprofundamento da Cultura e História portuguesas.

A presente edição do "Ensaio das Minas", iniciativa conjunta do A.D.B.-U.M. e do Departamento de Matemática da U.M., com o apoio da Direcção do Serviço Histórico-Militar do Estado Maior do Exército, ilustra uma vez mais as potencialidades desse acervo arquivístico e inaugura uma cooperação científico-cultural assaz promissora.